

## **Do Gueto à Participação**

**Resenha do livro *Do Gueto à Participação*; o Surgimento da  
Consciência Sócio-Política na IECLB entre 1960 e 1975,  
de Rolf Schünemann**

**(São Leopoldo, Sinodal/IEPG, 1992, 174 pp.)**

Rolf Schünemann, pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) na Casa São Mateus, da Paróquia do ABCD/SP, apresenta neste livro sua dissertação de mestrado em Teologia, defendida em 1989 na PUC do Rio de Janeiro, tendo sido orientado pelo professor Faustino Luiz Couto Teixeira. Além do pastorado, o autor está concluindo, também na PUC-RJ, sua tese de doutorado, que tem como temática a pastoral urbana.

*Do Gueto à Participação* está subdividido em três capítulos. O primeiro descreve o Brasil como um cenário de profundas mudanças, para então situar, no segundo capítulo, a IECLB nestas mudanças. O último capítulo aborda uma teologia da responsabilidade sócio-política.

O autor abarca 15 anos (1960-75) de história brasileira com seu livro. A ênfase desta história é a IECLB e o despertar para a realidade que a cerca. Isto já revela o título do livro: *Do Gueto à Participação*. Para averiguar esse processo, o autor descreve a situação social, política e econômica da sociedade brasileira no início do primeiro capítulo. Nesta parte, aborda ainda o contexto eclesial da época, explicitando sua realidade no catolicismo, no protestantismo e no luteranismo. Por último, este capítulo trata do contexto teológico, versando sobre a teologia pastoral das três tradições citadas anteriormente.

Depois dessa contextualização a nível social, eclesial e teológico no Brasil, bem como de algumas de suas tradições religiosas, o autor escreve exclusivamente sobre a IECLB, mais especificamente a IECLB a partir e dentro do cenário brasileiro descrito acima. O capítulo II trata da aproximação desta Igreja brasileira ao movimento estudantil que, durante a época da ditadura, período em questão neste livro, teve um papel relevante. Diz o pastor Godofredo Boll, em um artigo para a revista *Lutherische Rundschau*, em 1961, citado pelo autor: “(...) Especialmente os últimos cinco anos mudaram o clima geral do estudantado brasileiro, provocando uma politização e um despertar geral para a ‘realidade nacional’ (...)” (p. 67). Neste sentido, os objetivos do trabalho com estudantes universitários, chancelado pela Federação Luterana Mundial (FLM), em Porto Alegre e em

Curitiba (1955 e 1956, respectivamente), haviam sido: “(...) possibilitar uma saída do gueto étnico, promover a abertura ecumênica, vir ao encontro da realidade estudantil e aproximar-se das questões sociais” (p. 66). Por esta via, a IECLB tornou-se um pouco mais engajada.

A outra via foi a abertura da direção da IECLB ao debate ecumênico, através de organizações ecumênicas (Conselho Mundial de Igrejas, FLM, Confederação Evangélica do Brasil), as quais “(...) ocupavam-se cada vez mais com as questões do desenvolvimento, da fome, da miséria, da guerra e da paz” (p. 71).

A terceira via de inserção na realidade brasileira deu-se através de assistência a pequenos agricultores, indígenas e através de centros sociais nas grandes cidades. Muitos projetos obtiveram apoio financeiro do exterior.

A V Assembléia da FLM em 1970, planejada para realizar-se em Porto Alegre, foi a queda da viseira dos olhos da IECLB. Não tanto a Assembléia, cujo tema “Enviados ao Mundo” certamente traria encaminhamentos às vias da IECLB, mas a não-realização desta no Brasil provocou, primeiramente, “(...) sentimentos de revolta, desgosto e amargura (...)” (p. 94) em obreiros/as e leigos/as, e, num segundo momento, “(...) a transferência da V Assembléia Geral da FLM operou como uma terapia de choque, abrindo as portas para um posicionamento sócio-político mais crítico e participativo” (p. 95).

A esta conturbada época seguiu-se, para a IECLB, uma fase de afirmação enquanto Igreja no Brasil. Foi elaborado o “Manifesto de Curitiba”, durante o VII Concílio Geral em outubro de 1970. O documento continha teses sobre as relações entre Igreja e Estado e assuntos que preocupavam a Igreja, como: o caráter do culto cristão, o ensino cristão e a Educação Moral e Cívica e direitos humanos.

Porém esta fase encontrou dificuldades. Um trabalho na Igreja com dimensão sócio-política “(...) enfrentou sérios antagonismos junto a setores associados às classes dominantes e à mentalidade conservadora presente na sociedade brasileira” (p. 107). Mesmo assim, surgiu uma nova pastoral e uma fase de responsabilidade social, descrita no final do capítulo II do livro.

Pertinente é o terceiro capítulo. Ele apresenta uma abordagem teológica a respeito da responsabilidade social e política da Igreja. R. Schünemann baseia a argumentação teológica no trinômio cristologia, eclesiologia e missiologia. Diz ele: “(...) de acordo com a cristologia (visão e vivência de Cristo) se experimentará concretamente na sociedade e no mundo o que se entende por ser-cristão” (p. 121). Ou seja, a Igreja (eclesiologia) se molda a partir da compreensão que ela tem de Cristo (cristologia) e, assim, caminha (missiologia).

O autor trata ainda da relação entre fé e política, deixando para o final do capítulo questões abertas, perspectivas, tais como: relação entre fé e ideologia, conflitos de classe (miséria e riqueza), releitura da justificação por graça e fé em uma ótica de compromisso sócio-político, estabelecimento de uma nova relação entre Espírito Santo e sociedade, participação leiga.

Em sua conclusão o autor afirma: “Decididamente o luteranismo consegue vencer o desafio de romper com o gueto étnico-cultural e participar da vida política brasileira” (p. 152).

Esta conclusão é bastante promissora. Se a análise de um processo histórico desemboca na percepção de uma mudança, a crise valeu a pena. Foram válidas as revoltas, a clandestinidade, os conflitos, a luta por um lugar ao sol, as contradições.

Esse passado alegre, mas é desafiante. A alegria já expressei: missão é uma Igreja reconhecer sua realidade e, a partir dela, transformar-se. O desafio está em deixar esse passado falar ainda hoje, com roupagem nova; quer dizer, deixar-se, enquanto Igreja, questionar pela realidade, assumindo uma postura crítica e cristã. Vivemos com a nova roupagem de um mundo globalizado, secularizado, individualista, capitalista, consumista. A Igreja está assumindo a sua responsabilidade social neste novo cenário?

Percebo também, a partir deste livro, que a IECLB muitas vezes foi conivente com a situação ditatorial. Fechou os olhos para realidades que lhe eram apresentadas e acreditou, numa ingenuidade questionável, em discursos do então governo brasileiro. Uma postura nada missionária.

O autor aborda um conteúdo bastante histórico. Mesmo assim, o aspecto missionário está embutido nas 174 páginas do livro. Já o título da obra indica movimento. Missão é movimento.

Outro aspecto pode ser observado a partir das reflexões de Walter Freytag, missiólogo alemão que, na década de 1920, elaborou um conceito interessante para a missão: ler os sinais dos tempos, i. é, perceber sinais que apontam os objetivos de Deus. A IECLB, em um determinado momento, foi levada a ler estes sinais. Como? Muitos acontecimentos levaram a isto. Creio que o maior confronto foi devido à transferência da Assembléia da FLM. As conseqüências deste momento histórico podem ser resumidas em um avanço (e maior aceitação) da análise da realidade brasileira, bem como da reflexão teológica. Missão é informar/comunicar os sinais dos tempos (p. 38, nota 42). Missão é entender os sinais dos tempos (p. 99).

O tema da V Assembléia da FLM foi “Enviados ao Mundo”. Esta Assembléia marcou muito a história da IECLB. Marcou pela sua ausência. Missão é enviar ao mundo, ao mundo *todo*, assumindo as conseqüências deste envio.

Um último aspecto que gostaria de destacar e que perpassa este livro é: somos fruto de missão! Missão é sentir-se incluído/a nos objetivos de Deus. Neste sentimento de inclusão devemos caminhar: caminhar com os olhos no passado, com os pés no presente e com a cabeça no futuro.

Renate Gierus  
Rua Luiz de Camões, 140/03  
93032-110 São Leopoldo — RS